

A ESPIA

AS MULHERES QUE AMAMOS

© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
A ESPIA – AS MULHERES QUE AMAMOS

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2022 (1.^a edição)
Referência Interna SP2021.21 | 05.12.2021 | 22:30
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



Dentro de cada mulher há uma espiã...

Prólogo

A primeira vez que conheci uma espiã ela não estava a espiar ninguém, pelo menos não de uma forma que eu pudesse reconhecer, ressalva que parece prudência de narrador mas é sobretudo uma confissão de ignorância, porque nessa altura eu não sabia o que procurava, não sabia sequer que havia alguma coisa para procurar e quando um homem não conhece o nome do que tem diante de si costuma resolver o problema dando-lhe um nome que lhe convenha.

Foi isso que fiz.

Chamei-lhe espiã porque a palavra lhe assentava ou porque eu precisava de acreditar que algumas mulheres entram na nossa vida por razões mais complexas do que o acaso, sendo o acaso, como se sabe, uma explicação muito pouco lisonjeira para quem prefere imaginar-se escolhido. A vaidade masculina aceita melhor ter sido seleccionado por uma operação do que simplesmente encontrado num bar.

A palavra, porém, não prova nada.

Os livros têm o vício antigo de colocarem uma palavra no título e comportarem-se depois como se a palavra tivesse ficado demonstrada. Não ficou. Uma espiã pode ser uma mulher que trabalha para um serviço, uma mulher que trabalhou perto de quem trabalhava para um serviço, alguém que sabe coisas que não devia saber ou apenas alguém capaz de permanecer em silêncio até os outros começarem a falar para preencher o espaço. Se as definições parecem largas demais, a culpa será da realidade, que raramente respeita as fronteiras que os dicionários lhe impõem.

A memória respeita-as ainda menos.

A memória não arquiva, edita, não conserva, escolhe... e em certas ocasiões faz aquilo que os governos fazem quando precisam de explicar uma decisão já tomada, organiza os factos pela ordem que melhor suporta a conclusão.

Lembro-me de Londres.

Lembro-me de um bar.

Lembro-me de chegar com a sensação desagradável de ter sido ridículo em público. Vinha de ganhar um prémio que afinal não ganhara, formulação absurda mas exacta, porque durante alguns instantes o corpo acreditou antes de a razão o mandar regressar ao lugar e poucas coisas ferem tanto um homem como descobrir que a sua estúpida presunção se levantou antes dele.

Ela também vinha de uma derrota, embora eu ainda não soubesse qual e foi possivelmente isso que nos aproximou, não o destino, palavra demasiado cara para uma coincidência de bar, mas a forma como duas pessoas humilhadas se reconhecem sem precisarem de exhibir a ferida, uma porque ainda não aprendeu a escondê-la e a outra porque já aprendeu demasiado bem.

A Gi estava sentada com um copo diante de si e o telemóvel ao lado, virado para baixo.

Poderia não significar nada. Um telemóvel virado para baixo é apenas um telemóvel virado para baixo até ao momento em que deixa de ser apenas um telemóvel virado para baixo. Ela não olhava para ele, mas havia naquela ausência de olhar a atenção de quem sabe exactamente onde se encontra uma coisa que decidiu ignorar.

Não me lembro de quem falou primeiro.

Isto não quer dizer que a conversa tenha começado sozinha, embora certas conversas adquiram mais tarde essa aparência, como se tivessem estado à espera dos interlocutores e nós nos tivéssemos limitado a chegar. É possível que eu tenha dito alguma coisa sobre o lugar, o vinho ou Londres. Os homens recorrem frequentemente à geografia quando ainda não encontraram coragem para falar da mulher que têm diante deles.

Ela respondeu.

A voz era baixa, não por timidez, mas porque parecia esperar que os outros se aproximassem para ouvir, diferença pequena e suficiente para separar quem pede atenção de quem está habituado a recebê-la.

Não a descreverei toda agora. Uma mulher não deve entrar num livro como uma ficha de identificação, com altura, cabelo, olhos, sinais particulares e profissão presumida, deve chegar por partes, primeiro pelo modo como ocupa o silêncio, depois por aquilo que não responde, mais tarde pela voz e só então pelo rosto, quando já

nos habituámos à presença e a beleza pode aparecer sem parecer inventário.

Soube apenas que era bonita.

Não bonita de uma forma que exigisse ser descrita, porque ninguém precisa de descrever aquilo que é evidente e já toda a gente percebeu, mas é correcto dizer que havia pessoas cuja postura se modificava quando ela olhava na sua direcção e empregados que pareciam recordar-se dela sem que ela lhes tivesse dado razão para isso. A beleza, quando é apenas beleza, atrai os olhos. A da Gi alterava comportamentos, o que é uma coisa diferente e, de certa maneira, até bastante mais perigosa.

Deu-me um nome breve.

Gi.

Uma consoante e uma vogal, matéria suficiente para chamar alguém e insuficiente para a encontrar. Há nomes assim, não servem para identificar, servem para permitir que a conversa continue.

Também lhe dei o meu nome, o verdadeiro, creio, embora a verdade de um nome dependa menos do documento que o confirma do que da parte de nós que decidimos esconder enquanto o pronunciamos.

Falámos sem contar grande coisa.

Num bar, duas pessoas podem falar durante horas e não entregar mais do que aquilo que entregariam ao preencher um formulário, com a diferença de o formulário não sorrir, não desviar os olhos e não fazer perguntas que parecem casuais até percebermos que já respondemos a outra coisa.

A Gi fazia perguntas assim.

Não eram perguntas extraordinárias. O extraordinário estava na atenção com que escutava as respostas, como se as palavras fossem apenas uma parte da informação e a outra estivesse no intervalo entre elas, no tempo que eu demorava a responder, no modo como segurava o copo ou na direcção para onde olhava antes de escolher uma versão de mim próprio.

Eu estava habituado a observar pessoas.

Ou julgava estar, o que não é exactamente a mesma coisa.

Trabalhava entre números, contratos e homens que sorriam antes de dizer não. Conhecia o valor de uma hesitação numa reunião, o

significado de uma palavra retirada de um documento, a diferença entre o silêncio de quem não sabe e o silêncio de quem já decidiu. Pensava que estas competências me davam alguma vantagem sobre os outros, convicção hoje tão enternecedora como ver uma criança explicar o mar depois de encher um copo.

Naquela noite julguei estar a observá-la.

Só muito mais tarde me ocorreu que a observação podia ter começado do outro lado da mesa.

Não havia segredos de Estado no bar, nem senhas, documentos ou nomes de organismos escritos em maiúsculas para dar peso ao medo. Havia duas pessoas que não queriam regressar imediatamente aos lugares de onde tinham vindo, um copo, depois outro, frases incompletas e a prudência que os desconhecidos usam enquanto ainda não decidiram se desejam ser honestos.

O mistério raramente entra numa sala vestido de mistério.

Entra cansado, chega atrasado, deixa o telefone virado para baixo e faz uma pergunta que parece casual.

O que me perturbou na Gi não foi uma revelação, mas a impressão de que compreendia a verdade de uma maneira diferente da minha. Para mim, uma coisa era verdadeira ou falsa, mesmo quando os homens pagos para tratar desses assuntos encontravam zonas cinzentas suficientes para facturar meses de trabalho. Para ela, a verdade parecia depender também da ordem, do momento e da pessoa escolhida para a dizer.

Há quem conheça os factos e quem conheça o caminho que os factos terão de percorrer até parecerem inevitáveis.

A Gi parecia pertencer à segunda espécie.

Não sei quais foram as palavras exactas. A memória terá corrigido a frase, retirado hesitações, melhorado o ritmo e acrescentado uma inteligência que pode ter sido dela ou minha, pois os escritores, quando recordam, dividem mal os direitos de autor.

A ideia era simples: não é necessário fabricar uma mentira quando se pode escolher as verdades convenientes.

Ficou comigo.

Há frases que nos mudam por serem novas e outras porque chegam a uma divisão que já estava vazia e acendem a luz. Depois

atribuímos à pessoa a construção da casa inteira, quando ela se limitou a encontrar o interruptor.

Eu podia ter confundido inteligência com perigo, erro frequente nos homens quando encontram uma mulher que não se apressa a tranquilizá-los. Podia ter confundido reserva com profundidade, silêncio com disciplina, tristeza com enigma. O álcool, entretanto, começava a emprestar coerência ao que durante o dia seria apenas desordem.

Ainda assim, alguma coisa permanecia.

A Gi parecia conhecer a diferença entre aquilo que as pessoas fazem e a versão que depois constroem para poder continuar a viver consigo próprias.

Não é uma competência rara. Todos somos propagandistas da nossa própria biografia, cortamos os fracassos, ampliamos as intenções, chamamos escolha ao medo, fidelidade ao hábito, coragem à falta de alternativa e quando contamos uma relação antiga colocamo-nos quase sempre no lugar de quem sofreu mais ou compreendeu melhor, por vezes nos dois.

Um narrador não está livre desse vício.

Possui apenas mais páginas para o praticar.

Por isso não é necessário acreditar que estou a mentir em cada frase, seria exaustivo para mim e pouco elegante para ambos. Basta aceitar a possibilidade de eu estar a dizer a verdade pela ordem que melhor me protege.

Naquela noite eu julgava estar diante de uma mulher que acabara de perder alguma coisa.

Ela podia estar diante de um homem que ainda não percebera o que tinha acabado de mostrar.

Eu julgava que a curiosidade era minha.

Ela deixava-me fazer perguntas e respondia apenas o suficiente para que a pergunta seguinte parecesse ideia minha, um talento que nessa altura considerei charme e que mais tarde aprenderia a tratar com maior respeito.

O encontro pareceu-me uma pausa depois de uma noite desagradável.

Era uma hipótese razoável e cómoda.

As hipóteses cómodas têm a vantagem de nos deixarem dormir e o defeito de raramente sobreviverem à manhã seguinte.

Recordo o copo, o telefone voltado para baixo e a maneira como a Gi me observava sem parecer olhar directamente para mim. Recordo a sensação de que cada resposta escondia não necessariamente uma mentira, mas uma escolha. Recordo também ter pensado que as pessoas perigosas deviam ser reconhecíveis, possuir qualquer coisa no rosto, na voz ou nos gestos que avisasse os restantes, como os animais venenosos que exibem cores vivas por uma espécie de honestidade que os seres humanos nunca tiveram.

A Gi não exibia aviso algum.

Parecia apenas uma mulher num bar de Londres, depois de uma coisa que lhe corra mal, falando com um homem que vinha de ganhar um prémio que nunca recebera.

Se era realmente uma espiã, a palavra ainda não o demonstrava.

Se me escolheu, não percebi.

Se o encontro foi casual, o acaso comportou-se nessa noite com uma competência pouco habitual.

Começamos, então, pelo pouco que eu julgava saber, suficiente para me sentar diante dela, escutá-la e acreditar que a conversa começara por acaso.

1

O Discurso no Bolso

Porto e Londres, em 2007

O marcador falhou a meio da linha e tive de o sacudir diante de uma sala cheia de homens que ganhavam mais do que eu. Um deles olhou para o relógio, outro fechou a pasta e eu voltei ao quadro para completar a palavra risco, que ficara reduzida a ris.

— Se não conseguimos explicar onde podemos perder, também não sabemos onde julgamos estar a ganhar.

O director sentado mais perto da janela levantou os olhos. Era mais velho, mais graduado e tinha uma gravata que precisava de pedir desculpa pela cor.

— Isso aplica-se ao investimento ou à pessoa que o recomenda?

— Aos dois, obviamente. Só que quem recomenda costuma mudar de sucursal antes de dar barraca.

Houve dois sorrisos, o bastante para eu continuar. Falava-lhes de investimentos, adequação, concentração e prudência quando o entusiasmo de um cliente começava a parecer que ia ser tudo a eito. Não lhes ensinava a adivinhar o mercado. Explicava-lhes antes a pergunta que o “tudo a eito” tenta evitar: o que acontece se estivermos errados. Era uma matéria simples e por isso talvez difícil de aceitar numa instituição em que cada resposta vinha acompanhada de cargos, procedimentos e pessoas autorizadas a confirmá-la.

No Millennium BCP eu ainda era o homem que sabia explicar. Não fixava objectivos e nem avaliava a carreira daqueles gestores, mas durante duas horas eles tomavam notas enquanto eu falava. Eu gostava dessa inversão e chamava-lhe profissionalismo para não lhe chamar outra coisa.

No fim, o director da gravata ficou para trás.

— Viana, isto é tudo muito sensato.

— Parece uma crítica.

— É uma dúvida. Fora daqui também é assim tão prudente?

Pousei o marcador.

— Fora daqui o dinheiro é meu.

— Só o seu?

A pergunta tinha mais alcance do que lhe reconheci naquele momento. Havia a carteira comum do clube de investidores, accionistas que me telefonavam por causa de uma intervenção da ATM e pessoas que confundiam uma opinião fundamentada com protecção contra a perda. Eu fazia questão de explicar as diferenças. Também gostava que me procurassem.

— Quando não é, digo de quem é.

Ele pegou na pasta.

— Isso já é um princípio.

Saiu. Fiquei a limpar o quadro. A palavra risco resistiu mais do que as outras e deixou uma sombra azul no branco.

Ao meio-dia, comi uma sandes junto a uma janela que dava para granito molhado e atendi um accionista da Inapa. Não queria saber o que eu pensava da empresa. Queria saber se devia vender.

— Quanto dinheiro tem lá?

Disse-me um número demasiado alto para a voz baixa com que o pronunciou.

— E precisa dele quando?

— Isso interessa?

— Claro que interessa. A sua tolerância ao risco depende do seu horizonte temporal.

— Mas o doutor conhece as contas.

— Conheço o que está publicado. Não conheço a sua vida.

Do outro lado ouvi papéis.

— A minha mulher quer fazer obras.

— Então fale com ela antes de falar comigo.

Não gostou. A chamada vinha da ATM, a folha aberta diante de mim pertencia ao banco e, na pasta que levaria para o fim do dia, estavam as notas do clube de investidores. Eram três lugares diferentes, ainda sem conflito aberto e eu passava de um para outro com a facilidade de quem acredita que separar os nomes basta para manter as coisas separadas.

Regressei a casa depois das sete. Tirei os sapatos à entrada porque a chuva deixara uma linha escura no couro e a Inês mandara limpar o chão nessa manhã. Na sala havia dois livros abertos no sofá, um dela, outro meu e uma chávena esquecida na mesa baixa. Não precisávamos de perguntar quem tinha deixado cada coisa.

— Já comeste? — perguntou a Inês da cozinha.

— Uma sandes.

— Isso foi ao almoço.

— Continua tecnicamente dentro do dia hoje.

A Inês apareceu à porta com o cabelo preso e um pano dobrado na mão. Olhou para os meus sapatos.

— Ainda bem que te descalçaste, mandei encerrar o chão de manhã.

Comi sopa de pé, encostado à bancada, enquanto ela me contava uma questão banal da casa e eu abria o computador. O *website* do clube de investidores tinha uma imagem desalinhada na página inicial. Eu construíra grande parte daquilo e tratava cada erro como uma ofensa privada, corrigindo sozinho coisas que outra pessoa poderia ter resolvido melhor e mais depressa.

— Estás a ouvir? — perguntou a Inês.

— Estou.

— O que disse?

Olhei para ela.

— Que tenho de estar em casa quinta-feira.

— Terça.

— Era a minha segunda hipótese.

A Inês abriu a torneira e lavou a chávena.

— Se não podes, diz.

— Posso.

— Então põe na agenda antes que te esqueças.

Obedeci. Ela não interrompia o jantar para me lembrar que eu gostava de me achar excepcional. Talvez por isso eu lhe mostrasse as vitórias antes de quase toda a gente e lhe escondesse, por algum tempo, as derrotas que ainda esperava corrigir.

O *e-mail* chegou enquanto eu alterava o tamanho da imagem. Vi primeiro o nome da ProShare e deixei a colher no prato.

— O que foi?

— Espera.

Li a mensagem toda, voltei ao início, confirmei o destinatário, abri o anexo e procurei o nome do *website* entre os nomeados.

Estava lá.

— Fomos nomeados.

— Para quê?

— Para o prémio da ProShare. O *website*.

A Inês secou as mãos e aproximou-se. Não tocou no computador.

— O que é isso?

A Inês nunca tivera grande interesse por estas coisas. Não precisava de ter. A fronteira entre uma acção, um fundo de investimento e um depósito a prazo era-lhe indiferente e qualquer explicação que demorasse mais de

dois minutos começava a parecer-lhe uma forma pouco subtil de castigo. Por isso, reduzi tudo ao essencial.

— Uma coisa de bolsa. Não tem importância.

— Essas tuas coisas da bolsa. Perdes imenso tempo com isso e pouco comigo.

Talvez tivesse razão, as pessoas que vivem connosco têm quase sempre razão nas contas do tempo, ainda que errem em todas as outras, porque sabem quantas vezes olhámos para um ecrã quando devíamos ter olhado para elas, quantas conversas adiámos, quantos jantares atravessámos com a cabeça noutro lugar e eu poderia ter-lhe dito que aquilo não era apenas uma coisa da bolsa, que alguém, algures, reparara no que eu fizera, mas explicar a importância de um reconhecimento é muitas vezes confessar a importância que lhe damos e há vaidades que preferimos esconder até de nós próprios, sobretudo quando já fomos escolhidos uma vez e não estive-mos lá para o saber. Em 2006, a ProShare escolhera-me como *Young Achiever*, mas não conseguira contactar-me, a notícia chegara tarde, trazida por outra pessoa quando a cerimónia já acabara e eu não ganhara, talvez não tivesse ganho de quaisquer das maneiras, talvez a ausência me tivesse poupado a essa resposta ou não, mas ficara comigo a suspeita de que uma coisa pode acontecer-nos sem verdadeiramente nos acontecer, como uma porta que se abre num corredor por onde já passámos.

— Têm o *e-mail* certo — disse eu.

— Vais deixar a sopa arrefecer.

— Já como.

Copiei o nome da categoria, confirmei a data, a hora e o local e o computador acrescentou tudo à agenda. A Inês voltou à cozinha.

— Come a sopa.

— Já como.

Peguei no prato com uma mão e no portátil com a outra, atravessei o corredor e sentei-me no sofá, equilibrando o computador sobre as pernas. Pousei a sopa na mesa pequena da sala.

— Não ponhas a sopa aí.

A Inês levantou o prato, foi buscar um individual e colocou-o sobre a mesa, com aquele cuidado reservado às coisas que eu não via necessidade de proteger, tornando depois a pousar a sopa exactamente no mesmo lugar, mas já sem perigo para a madeira, como se a diferença entre o desastre e a salvação fosse apenas aquele rectângulo de tecido e talvez fosse, quase todas as desgraças domésticas começam por uma precaução que alguém julgou dispensável.

Na televisão, alguém falava sem que nenhum de nós a ouvir.

— Domingo vais a Dinis? — perguntou.

Dinis era uma quinta da família da Inês, em Santo Tirso, onde íamos quase todos os domingos, ou onde tínhamos ido quase todos os domingos antes de eu começar a tratar cada fim-de-semana como uma continuação mal disfarçada dos dias úteis. Havia sempre um almoço demorado, vozes vindas de diferentes divisões, portas que se abriam sem se bater e a sensação de que o tempo, ali, não precisava de provar que estava a ser bem utilizado. Talvez fosse isso que me incomodava, não a quinta, nem a família, que era amorosa, nem sequer os almoços, mas aquela ausência de urgência, aquele modo ofensivamente tranquilo de deixar passar uma tarde sem produzir nada que pudesse ser medido, apresentado ou acrescentado a uma pasta.

— Depende. Tenho de ver o trabalho.

A Inês não respondeu logo. Já conhecia aquela frase, que não significava depende, nem sequer tenho de ver o trabalho, significava antes não contes comigo, mas deixa-me conservar até domingo a possibilidade de parecer que tentei.

— O Bento tem umas éguas novas na Cerejeira. Podes jogar xadrez com o meu avô. Já há dois fins-de-semana que não vamos lá.

A Cerejeira ficava mais adiante, quase ao lado da Dinis, embora chamar-lhe quinta fosse dizer pouco de uma propriedade tão grande que, em certas partes, parecia ter-se esquecido de que pertencia a alguém. Tinha um bosque extenso, caminhos cobertos de folhas, um lago onde nadavam porcos pretos e cavalos que andavam soltos como se nunca tivessem conhecido cercas. Havia também uma águia, ou diziam que havia, que por vezes descia sobre a quinta e levava um leitão e durante anos achei aquela história exagerada, uma dessas narrativas rurais que vão crescendo de almoço em almoço, até ao dia em que vi a ave a pairar sobre o lago e percebi que a natureza não precisa de exagerar, basta-lhe ter fome.

— Deixa ver se me safo e vamos, claro.

A Inês sentou-se na outra ponta do sofá e aumentou ligeiramente o volume da televisão. Estávamos suficientemente perto para que os nossos pés quase se tocassem e suficientemente longe para não haver qualquer risco de isso acontecer. Talvez seja assim que duas pessoas começam a tornar-se estranhas, não com uma discussão, nem com uma porta batida, mas sentando-se todas as noites no mesmo sofá, cada uma num extremo, enquanto uma delas olha para um ecrã e a outra finge que a televisão ainda lhe interessa.

Eu trabalhava até tarde. A Inês ia muitas vezes dormir sozinha. Dizia-me, vou-me deitar e eu respondia já vou, palavras pequenas,

aparentemente inocentes, mas que, repetidas vezes suficientes, acabam por adquirir o peso de uma mentira. Ela deixava a luz do corredor acesa, talvez por hábito, talvez para me facilitar o caminho, talvez porque ainda esperava que eu aparecesse antes de adormecer. Quando finalmente entrava no quarto, encontrava-a de costas e nunca sabia se dormia ou se tinha apenas desistido de esperar. Também não perguntava. Há perguntas cuja resposta receamos menos do que a obrigação de mudar alguma coisa depois de a ouvirmos.

Aumentando o volume da televisão, a Inês deu por terminado o assunto da ProShare, das éguas, da Dinis, da Cerejeira e, tanto quanto lhe dizia respeito, de tudo o que pudesse ainda acontecer naquele computador. Eu poderia ter pousado o portátil. Poderia ter dito vamos no domingo, sem depende, sem trabalho, sem ver se me safo. Poderia ter atravessado os poucos centímetros que nos separavam no sofá, mas a culpa, quando ainda não é bastante grande para nos transformar, serve apenas para nos tornar mais lúcidos acerca daquilo que continuamos a fazer mal.

Abri os *websites* concorrentes.

Comparei menus, informação, velocidade e clareza. Um tinha melhor apresentação, outro tinha mais recursos. Nenhum, concluí, servia tão bem quem precisava de perceber o que era realmente um clube de investidores.

A conclusão era defensável.

A certeza era minha.

A Inês levantou-se algum tempo depois e disse que ia dormir. Respondi já vou, sem desviar os olhos do ecrã. Ouvi os passos no corredor, a porta do quarto e depois o silêncio da casa, esse silêncio particular das pessoas que vivem juntas e, apesar disso, começam a habituar-se à ausência uma da outra.

Na manhã seguinte, confirmei a presença. Li outra vez o nome, a categoria, a data, a hora e o local. Depois voltei ao princípio e li tudo de novo, porque a experiência ensina-nos que verificar uma vez é prudência, duas vezes é inteligência e, a partir da terceira, talvez já seja medo, embora prefiramos chamar-lhe rigor.

Telefonei ao Aníbal Cunha.

Havia algum tempo que não falávamos. O Aníbal era um amigo antigo, desses cuja amizade não depende da regularidade das chamadas porque foi construída quando ainda havia tempo para as fazer. Investira em bolsa praticamente toda a vida e era um dos portugueses que mais negociava contratos de futuros sobre o DAX 30. Passara pela Fincor, depois pela LJ Carregosa e acabara por ir para Londres, onde tentava uma carreira mais sua, sem trabalhar para outras empresas, coordenando uma pequena

equipa e respondendo, finalmente, pelos próprios erros, o que talvez seja a forma mais pura de independência que um homem dos mercados consegue alcançar.

Não pertencia ao clube de investidores, nunca pertencera, mas conhecia aquele mundo melhor do que quase todos os que pertenciam. Sabia o que era ganhar, perder, voltar a entrar quando ainda doía a saída anterior e fingir que uma decisão tomada por medo resultara de uma análise cuidadosa. Era, por isso, a pessoa certa para me acompanhar, ainda que eu só tivesse pensado nisso depois de decidir que não queria entrar sozinho naquela sala.

Atendeu ao fim de alguns toques.

— Ei, há quanto tempo. Então?

— Eh pá, lembrei-me de ti. Vou a Londres.

— Vais a Londres? Então, mas a Londres porquê?

— Fui nomeado para uma porcaria de um prémio.

Houve uma pausa.

— Uma porcaria de um prémio?

— Sim. O *website* do clube de investidores. Sabes, aquele grupelho que criei para gerir umas massas.

— Eh pá, isso é porreiro. Olha, que porreiro.

— Ainda não ganhei.

— Mas vais lá.

— Vou.

— Quando é?

Disse-lhe a data, a hora e o hotel.

— Eu vou contigo — respondeu. — Vou contigo.

Não perguntou em representação de quem iria, porque um amigo não precisa de representar uma instituição para se sentar ao nosso lado, basta representar a parte de nós que ainda consegue achar graça àquilo que levamos demasiado a sério.

— Tens a certeza?

— Claro. Estou cá. Encontramo-nos no hotel.

— Leva fato.

— Isso é um prémio ou um casamento?

— *smoking*.

— Ainda pior.

— É assim que eles fazem.

— Está bem, eu arranjo qualquer coisa.

— Não apareças de *jeans*.

— Agora já não sei se quero ir.

Rimo-nos. Depois desligámos e foi só nesse momento que percebi como me aliviava saber que o Aníbal estaria lá. Não porque pudesse fazer alguma coisa se perdêssemos, nem porque tivesse uma função concreta, mas porque existem humilhações que não podem ser evitadas e, nesses casos, convém pelo menos escolher quem as testemunha.

Nos dias seguintes, o banco continuou a pagar-me para recomendar contenção. Eu chegava cedo, preparava sessões, respondia a perguntas e corrigia análises feitas por pessoas com cargos superiores ao meu. Ao almoço ou no fim do dia, a ATM recebia chamadas, o clube de investidores discutia posições e eu voltava à página da ProShare para confirmar que a categoria continuava igual, como se a organização pudesse, durante a noite, decidir que se enganara e retirar o nosso nome antes que eu tivesse tempo de chegar a Londres.

Ninguém me pedira ainda que escolhesse.

No banco, a minha actividade externa parecia uma mistura tolerável de entusiasmo associativo e vaidade pública. Eu próprio a descrevia assim quando me convinha, porque as instituições perdoam mais depressa a vaidade do que a independência, a primeira parece uma fraqueza pessoal, a segunda pode vir a tornar-se um problema colectivo.

Nas reuniões da ATM, porém, eu começava a habituar-me a fazer perguntas a instituições parecidas com aquela onde trabalhava e, no banco, começavam a habituar-se mal a ver o meu nome ligado a perguntas que uma instituição prefere receber em privado, de preferência sem acta, sem jornalistas e sem accionistas a ouvir.

Durante algum tempo, convenci-me de que os mundos continuavam separados porque tinham nomes diferentes. Banco, ATM, clube de investidores. Três gavetas, três pastas e três justificações. O erro estava em acreditar que a realidade respeita a arrumação que fazemos dela, quando a realidade, como qualquer pessoa que entra numa casa sem ter sido convidada, abre gavetas, troca os papéis de lugar e deixa-nos depois a explicar por que razão aquilo que estava aqui apareceu ali.

Escrevi o discurso três noites antes da viagem.

Agradei à ProShare, falei do trabalho do clube de investidores e terminei nos pequenos accionistas, os que não tinham equipas de análise, terminais caros ou acesso imediato a administradores. Os que liam relatórios ao fim do dia, faziam contas à mesa da cozinha e ligavam a alguém como eu para perguntar se deviam vender, como se eu conhecesse não apenas as contas de uma empresa, mas também o mês em que lhes avariaria o carro ou o momento em que uma mulher decidiria que era finalmente necessário fazer obras em casa.

Li o discurso em voz alta. Cortei uma frase porque parecia escrita por um homem que já se imaginava fotografado com o prémio na mão. Mantive outras duas com o mesmo defeito, porque a vaidade também sabe negociar e, quando percebe que não pode ficar com tudo, aceita perder uma frase para salvar as restantes.

A Inês entrou no escritório quando eu ensaiava a pausa antes do último parágrafo.

— Estás a falar sozinho.

— Estou a ver quanto tempo demora.

— Demora o quê?

— O discurso.

— Já ganhaste?

— Não.

— Então?

— É melhor levar alguma coisa preparada.

— Claro.

Virou costas e foi-se embora.

Não perguntou mais nada, talvez porque já soubesse que eu estava outra vez a perder tempo com uma daquelas coisas a que chamava trabalho, importância, reconhecimento, nomes respeitáveis para evitar a palavra merda, que era provavelmente a que ela teria escolhido e talvez com razão, porque um homem pode passar horas a preparar quatro minutos que talvez nunca chegue a ter, pode atravessar uma cidade, apanhar um avião, vestir um *smoking* e sentar-se numa sala cheia de desconhecidos à espera que lhe digam que vale alguma coisa e ainda assim convencer-se de que não está a perder tempo. A cerimónia, o prémio, o *website*, Londres, tudo aquilo lhe passava ao lado, não por falta de inteligência ou de atenção, mas porque nunca reconhecera ao dinheiro, aos mercados ou ao prestígio a importância que eu lhes atribuía e talvez isso lhe viesse da família, porque quem cresce rodeado de uma fortuna incalculável aprende, se tiver sorte, que o dinheiro é apenas uma coisa que existe, como as paredes das casas ou as árvores das quintas e que não é preciso falar dele a todas as horas para ter a certeza de que continua lá. Eu, que não crescera assim, precisava de falar, explicar, mostrar e medir, como se cada prémio pudesse provar que o tempo gasto não fora perdido e o pior é que talvez tivesse sido, talvez a Inês visse com uma clareza que me faltava que muitas das coisas a que eu dava nomes grandes não passavam de maneiras complicadas de não estar com ela.

O avô tinha fundos, contas no estrangeiro, contas *offshore* que eu conhecia por ele me ter pedido conselhos, património mobiliário, quintas,

casas e terrenos espalhados por Santo Tirso, Barcelos, Braga e outros lugares que eu só descobria quando alguém os mencionava durante uma conversa, como quem se recorda de uma cadeira guardada noutra divisão. Dizia-se que praticamente Santo Tirso inteiro lhe pertencera em algum momento, o que seria certamente um exagero, embora, naquela família, os exageros tivessem o incómodo hábito de se revelarem aproximações prudentes.

Havia Picassos, Dalís, vasos gregos, colecções de livros antigos, uma extraordinária colecção de Fernando Pessoa e mapas raríssimos, tantos e de tal importância que bastava procurar o nome Correia de Miranda juntamente com Santo Tirso, Pessoa, cartografia ou vasos gregos para acabar por encontrá-lo num catálogo, numa exposição ou numa referência bibliográfica ou no Google. O nome aparecia em toda a parte e, apesar disso, quase ninguém fazia ideia da dimensão da fortuna, porque a descrição daquela família era tão antiga como o dinheiro.

O melhor carro que vi ao avô da Inês foi um Audi A4. Na família inteira, o mais luxuoso talvez fosse um Jaguar dos mais baratos, pertencente a uma tia e mesmo esse parecia ter sido comprado por acaso, sem a intenção de provar fosse o que fosse. Não precisavam de mostrar o dinheiro porque nunca tinham duvidado da sua existência, ao contrário de mim, que não o tinha em quantidade suficiente para o esquecer e, por isso, pensava nele com a frequência própria das pessoas que fingem que não lhe dão importância.

A relação deles com as contas deixava-me perplexo. Havia quintas em propriedade, parcelas vendidas, impostos a pagar, despesas que pertenciam a vários membros da família e que, segundo a minha maneira de ver, deveriam ser divididas com exactidão, cada percentagem atribuída ao respectivo proprietário, cada pessoa pagando aquilo que lhe competia e nem mais um centimo. Eu fazia essas contas porque estava casado com a Inês e algumas delas acabavam por nos afectar.

A família fazia-as a olho.

Vendia-se vinho, madeira, fruta ou uma parte de uma propriedade, entrava dinheiro de qualquer actividade agrícola e pagavam-se com ele os impostos que estivessem sobre a mesa, fossem de quem fossem. Num ano, uma quinta cobria as despesas de outra, um familiar adiantava a parte de outro, alguém pagava mais do que devia e ninguém parecia particularmente preocupado em saber quando lhe seria devolvida a diferença.

Eu não compreendia.

Achava injusto, desorganizado e contabilisticamente absurdo, o que provavelmente era, mas aquele sistema sobrevivera durante gerações

enquanto muitas famílias perfeitamente organizadas tinham conseguido perder tudo. Talvez a justiça entre parentes não possa ser medida apenas pela percentagem de uma escritura, talvez houvesse contas antigas, favores, heranças e obrigações que não cabiam nas minhas folhas de cálculo, ou talvez fossem apenas maus a fazer contas e ricos o suficiente para que isso não tivesse consequências, possibilidade que eu, por uma questão de respeito, preferia não considerar.

A Inês não queria saber de nada disso. Gostava de viajar, de passar os fins-de-semana com a família, de ir para a Quinta de Dinis, caminhar pela terra com os cães ao lado, almoçar demoradamente, ficar à conversa enquanto alguém trazia chouriços de porco preto nascidos na Cerejeira para a mesa e os cavalos atravessavam os campos mais adiante. Gostava daquelas tardes em que ninguém precisava de chegar a lado nenhum, com a família espalhada pela casa e pelas margens do rio, crianças, cães, tios, avós e primos entrando e saindo, cada um sabendo que pertencia ali sem ter de o dizer ou mostrar.

Era uma pessoa maravilhosa e gostava das coisas simples, talvez porque sempre vivera entre coisas extraordinariamente valiosas e aprendera que uma coisa pode valer uma fortuna sem nos dar um único domingo feliz.

Eu era diferente.

Precisava de ser reconhecido, de explicar, de mostrar o que tinha feito, de saber quanto valia cada coisa e quanto tempo demorava cada discurso. Ela entrara no escritório, perguntara o que eu estava a fazer e, quando percebeu que era mais uma dessas coisas, virara costas. Não havia desprezo naquele gesto. Havia apenas uma mulher que queria e mercia mais atenção e um marido que continuava a falhar nisso para poder falar para uma sala vazia.

Ouvi-a andar pelo corredor.

Poderia ter pousado as folhas e ido atrás dela. O discurso continuaria a ter quatro minutos, o prémio não seria decidido por mais um ensaio e nenhuma frase melhoraria por ser repetida mais uma vez. Ainda assim, fiquei.

Medi novamente o tempo.

Quatro minutos.

No dia da viagem, o *smoking* estava estendido sobre a cama. A Inês verificava um botão do punho enquanto eu procurava o passaporte na gaveta onde sempre o guardava e onde, naquele dia, parecia ter decidido não estar.

— Os bilhetes? — perguntou.

— Na pasta.

— E o passaporte?

— Estou à procura.

— Está em cima da cómoda.

Olhei. Estava.

— Ia ver aí.

— Pois.

A Inês apontou para a camisa ainda pendurada no armário.

— Falta-te a camisa.

Fui buscá-la.

Ela fechou o saco do *smoking* e entregou-mo.

— O Aníbal vai ter comigo ao hotel — disse eu.

— Aquele teu amigo de Londres?

— Sim, esse. O que trabalhava em Chaves, também na bolsa. Na correctora da Maria Cândida.

A Inês não percebia de bolsa, nem queria perceber, mas sabia perfeitamente quem era Maria Cândida. O avô conhecia-a, a ela e ao sócio, desde o tempo da casa de câmbios, esse tempo em que o dinheiro passava de umas mãos para as outras diante de um balcão e ainda parecia uma coisa material, notas, moedas, recibos, não estes números que agora atravessavam o mundo sem sair de um ecrã. Era curioso, a Inês não saber distinguir um contrato de futuros de uma acção ou de um depósito a prazo e, no entanto, conhecer as pessoas antes de eu conhecer os negócios, porque nas famílias como a dela primeiro conhecem-se os nomes, depois as casas, depois os avós e só muito mais tarde, se alguma vez chegar a ser necessário, pergunta-se de onde veio o dinheiro.

— Ainda bem.

Não perguntou mais nada. Não lhe interessava e, sobretudo, não era necessário. O Aníbal era meu amigo, estava em Londres e ia acompanhar-me. Para a Inês, isso bastava.

— Não queria ir sozinho — disse.

— Eu sei.

Disse-o enquanto alisava uma dobra no saco do *smoking*, sem olhar para mim, como se a confissão não tivesse qualquer importância e talvez não tivesse, embora eu tivesse demorado demasiado tempo a fazê-la.

Eu queria o prémio, queria subir ao palco, queria ouvir o nome do clube e, por extensão, o meu. Há vaidades que procuram testemunhas para a vitória e eu sofria desse mal.

Beijei-a e prometi telefonar quando chegasse.

— Tens tudo? — perguntou.

— Tenho.

Olhou para o passaporte, que continuava em cima da cómoda.

Guardei-o no bolso interior do casaco.

— Agora tenho.

Desci com o passaporte no bolso. O discurso seguia na pasta, protegido por uma capa de plástico, como se fosse o papel que precisasse de chegar intacto a Londres e não o homem que o escrevera.

No aeroporto viajei sozinho.

Depois da descolagem, tirei as folhas da pasta e voltei a lê-las. O homem sentado ao meu lado tentou dormir enquanto eu movia os lábios sobre os agradecimentos. Parei para não o incomodar, esperei alguns minutos e continuei em silêncio.

Corrigi uma palavra. Depois outra.

Nenhuma era indispensável, mas as correcções davam-me a sensação de ainda mandar em alguma coisa. Talvez seja essa a verdadeira utilidade de preparar discursos antes de sabermos se vamos pronunciar-los, não organizar o que diremos depois da vitória, mas ocupar as mãos enquanto nada podemos fazer para a garantir.

A Inês, a essa hora, estaria provavelmente a fazer qualquer coisa normal, sem pensar na ProShare, no *website*, no discurso ou na cerimónia. Eu levava quatro páginas para Londres e desejava que uma sala cheia de desconhecidos me confirmasse aquilo que ela nunca sentira necessidade de negar ou de reconhecer.

Ao chegar a Londres, fui directamente para o hotel. Confirmei a hora da cerimónia na recepção, embora estivesse escrita no convite, na agenda, no programa e provavelmente em mais dois lugares que eu ainda não descobrira.

Subi, vesti-me e desci cedo.

O Aníbal apareceu junto aos elevadores.

Trazia um *smoking* que parecia alugado havia pouco tempo e usado por alguém ligeiramente mais largo.

— Olha para ti — disse ele.

— O que tem?

— Nada. Estás bonito.

— Vai-te lavar.

Abraçámo-nos.

— Há quanto tempo não nos víamos? — perguntou.

— Demais.

— E obrigas-me a vestir isto.

— Ninguém te obrigou.

— Disseste *smoking* três vezes ao telefone.

— Para ter a certeza.

O Aníbal afastou-se um pouco para me observar.

— Estás nervoso?

— Não.

— Está bem.

— Não estou.

— Eu não disse mais nada.

— Chegaste agora?

— Há cinco minutos.

— A cerimónia começa daqui a vinte.

— Então chegámos cedo.

— Convém.

Entrámos na sala. Havia mesas redondas, luz amarela, copos alinhados e cartões com nomes que obrigavam desconhecidos a fingir intimidade durante o jantar.

Confirmei os lugares e li o nome da categoria no programa. O meu estava certo. O do clube também. Passei o dedo pela linha.

Depois de 2006, verificar parecia uma actividade razoável. Já me tinham escolhido uma vez sem conseguirem encontrar-me e há acontecimentos que, quando falham por pouco, nos deixam para sempre a desconfiar de que o mundo pode voltar a esquecer-se de nós no momento exacto em que deveria chamar-nos pelo nome.

— Está tudo? — perguntou o Aníbal.

— Está.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Viste quantas vezes?

— Algumas. — Ri-me.

— Então bebe qualquer coisa.

— Ainda não.

— Porquê?

— Quero estar bem.

— Estás num jantar, não numa operação ao coração.

— Que estar bem quando falar.

— Trouxeste discurso?

Toquei no bolso interior do *smoking*.

— Trouxe.

— Claro que trouxeste.

— Queres ouvir?

- Agora?
- São quatro minutos.
- Oh pá! Não.
- Nem sabes o que vou dizer.
- Daqui a bocado ouço, quando estiveres no palco.
- Pegou num copo de vinho e entregou-mo.
- Bebe.

Aceitei. O discurso, retirado da capa de plástico, estava dobrado em quatro no bolso interior do *smoking*. Testei discretamente se conseguia puxá-lo sem o prender no forro.

- O Aníbal viu.
- O que estás a fazer?
- Nada.
- Estás a tirar medidas ao bolso?
- Quero ter isto à mão.
- O prémio ainda nem começou.
- Precisamente.

A cerimónia avançou.

Pessoas levantavam-se, abraçavam colegas, atravessavam a sala e agradeciam. Algumas levavam folhas, outras falavam de improviso, quase todas demoravam mais do que acreditavam estar a demorar.

Observei o caminho até ao palco.

Havia um empregado a servir vinho no trajecto mais directo. Pensei que no meu caminho até ao palco teria de o contornar pela esquerda.

- Estás a olhar para onde? — perguntou o Aníbal.
- Para o palco.
- Isso eu percebi.
- Há um empregado no meio do caminho.
- O Aníbal olhou para mim, depois para o empregado.
- Estás a calcular como chegar ao palco?
- Só estou a ver.
- O Aníbal bebeu um gole.
- Ainda bem que vim.
- Porquê?
- Para ver isto.

Peguei no copo. O vinho já não sabia a nada.

Quando anunciaram a nossa categoria, endireitei as costas.

O *website* do clube de investidores apareceu no ecrã durante poucos segundos. Depois surgiram os outros. Eu conhecia-os a todos, os menus, as páginas, as ferramentas, as vantagens que não queria reconhecer e os

defeitos que tinha memorizado como quem prepara um processo contra pessoas que nunca souberam estar acusadas.

O Aníbal inclinou-se para mim.

— É agora?

— É.

Afastei a cadeira e comecei a levantar-me, não completamente, apenas o suficiente para endireitar o *smoking* e puxar o casaco para baixo, como fazem os homens que fingem estar apenas a compor a roupa quando, na verdade, já começaram a dirigir-se para o lugar onde esperam ser vistos.

Lembro-me da luz antes do nome, embora possa ter sido o nome antes da luz, estas coisas, depois de acontecerem, deixam de obedecer à ordem em que aconteceram e passam a organizar-se segundo a vergonha de quem as recorda.

Uma claridade branca atravessou as mesas e veio parar diante de mim. Talvez procurasse apenas o corredor, talvez o técnico a tivesse apontado para o homem que viu levantar-se, eu, talvez nunca tivesse parado verdadeiramente, mas a memória é uma narradora vaidosa e, quando pode escolher entre o acaso e o destino, prefere quase sempre o destino, sobretudo quando pretende explicar o ridículo.

O apresentador disse o nome do vencedor outra vez, ou talvez fosse ainda a primeira, nunca consegui perceber. A voz chegou-me por partes. Ouvi a primeira palavra, ou aquilo que precisava que ela fosse, porque também o ouvido, quando a vaidade manda, escuta menos o que lhe dizem do que aquilo que já decidira ouvir.

A minha mão entrou no casaco, encontrou o discurso dobrado e apertou-o.

Levantei-me por completo.

Dei um passo.

Então o nome terminou.

Não era o nosso.

O aplauso começou atrás de mim, ou ao lado, ou talvez em toda a parte ao mesmo tempo, porque há momentos em que uma sala toda, com as suas mesas, os seus copos, os seus desconhecidos e as suas luzes demasiado brancas, parece ter sido preparada desde o princípio para uma única finalidade, que é a de nos informar, sem delicadeza, de que nos enganámos.

A mulher que ganhara estava duas mesas mais atrás e não se levantou logo. Olhou primeiro para o homem que tinha ao lado, depois para o palco, depois para mim e tornou a olhar para o palco, como se esperasse que alguém resolvesse a contradição entre o nome que acabara de ouvir e a luz que continuava pousada sobre o homem errado. Abraçou o companheiro

ainda confusa, levantou-se enfim e avançou pelo corredor que eu já escolhera para mim, passou sem dificuldade pelo empregado do vinho, o qual, afinal, sempre se desviaria.

Baixei-me imediatamente.

Passei a mão pela alcatifa junto à cadeira, os dedos abertos, procurando um objecto que não caíra. Não pensei no gesto, os gestos que salvam a dignidade não são pensados, aparecem, como os reflexos ou as mentiras e qualquer homem que se levante antes de ouvir o próprio nome descobrirá no chão, no bolso ou debaixo da mesa alguma coisa imaginária que justifique ter-se levantado.

Procurei demoradamente o que não existia, talvez mais do que seria razoável, mas é difícil desistir de encontrar uma coisa quando sabemos que, ao endireitarmo-nos, teremos de enfrentar a verdadeira razão por que nos baixámos.

Não encontrei nada.

Voltei a sentar-me.

O Aníbal olhava para a vencedora. Depois olhou para mim, para a minha mão ainda fechada sobre o discurso e para o chão onde eu fingira perder sabe-se lá o quê.

Tentou conter-se.

Não conseguiu.

Desatou a rir.

Primeiro sem som, com os ombros a tremerem, depois com uma gargalhada curta que disfarçou levando a mão à boca. Eu olhei para ele como um homem que acabara de procurar na alcatifa uma coisa que nunca tivera.

— Vai-te lixar — murmurei.

O Aníbal levantou-se e começou a aplaudir a vencedora, ainda a rir.

Levantei as mãos e acompanhei-o. Tinha o discurso apertado entre os dedos e batia com uma mão na outra sem conseguir produzir um aplauso inteiro.

No palco, a mulher agradeceu à equipa, à organização e a duas pessoas cujos nomes não fixei, porque não importavam a ninguém que não apenas a ela. Falou durante menos de dois minutos, o que me pareceu uma última e desnecessária humilhação, porque eu levava quatro páginas no bolso para um discurso que não chegaria a existir e ela, que tinha sido chamada pelo nome certo, não precisara sequer de metade.

— Perdeste alguma coisa? — perguntou o Aníbal em voz baixa.

— Não.

— Ainda bem.

Continuou a aplaudir.

Não sorriu. Não fez qualquer comentário, não me tocou no braço, não tentou consolar-me. Foi a maneira que encontrou de me deixar sair dali, oferecendo-me aquela pequena mentira de que talvez eu tivesse realmente procurado alguma coisa no chão e de que, se não a encontrara, também não tinha importância.

Voltei a dobrar o discurso pelas marcas antigas, mas uma das dobras já não coincidia. Tentei corrigi-la e fiz outra pior. Guardei o papel no bolso.

A cerimónia prosseguiu. Houve sobremesa, café e outras pessoas chamadas pelo nome certo. Conversei com quem estava à mesa, fiz perguntas, ouvi respostas e esperei que a sala esquecesse o homem que se levantara meio segundo cedo demais.

A maior parte talvez nem tivesse reparado.

É isto que mais tarde nos dizem sobre os nossos momentos de vergonha, ninguém reparou, ninguém se lembra, como se a insignificância pública pudesse curar a humilhação privada, quando é precisamente o contrário, porque não precisamos de uma sala inteira para nos julgar, basta-nos saber que estávamos lá.

À saída, o Aníbal parou junto à porta do hotel onde decorrera a cerimónia, algures na City, não muito longe da Bolsa de Londres.

— Queres ir beber qualquer coisa? — perguntei.

— Hoje não. Já é tarde e amanhã trabalho.

— Ainda é cedo.

— Para ti. Eu tenho de apanhar um avião de manhã.

— Vais aonde?

— A Jersey. Tenho lá umas reuniões.

— Negócios?

— Negócios, impostos, essas coisas.

Ficámos um momento junto à porta, enquanto as outras pessoas saíam atrás de nós e se espalhavam pela rua.

— Está bem — disse eu. — Fica para a próxima.

— Claro. Hoje é que não dá mesmo.

— Obrigado por teres vindo.

— Não tens de agradecer.

— Tenho, sim.

O Aníbal olhou para o bolso do meu *smoking*, onde o papel fazia um volume pequeno, mas não disse nada.

— Amanhã rimo-nos — disse ele.

— Liga-me.

— Ligo.

Apertámos as mãos e depois abraçámo-nos rapidamente.

— Boa viagem — disse eu.

— E tu não bebas demais.

— Não prometo.

O Aníbal afastou-se em direcção à estação. Eu fiquei a vê-lo durante alguns segundos e depois comecei a andar, deixando para trás o edifício, a cerimónia, as pessoas, o palco e o corredor que calculara tão cuidadosamente para uma viagem que não chegara a fazer.

A noite estava fria o suficiente para eu fechar o casaco sobre o *smoking*. O discurso roçava-me o peito a cada passo.

Poderia tê-lo deitado fora. Havia caixotes do lixo em quase todas as esquinas e aquele papel já não servia para nada, mas as coisas que não chegaram a acontecer têm por vezes mais peso do que as que aconteceram, porque as segundas acabam e as primeiras continuam dentro de nós, intactas, insistindo que, com uma palavra diferente, um segundo de espera ou outro nome pronunciado, o mundo poderia ter sido outro.

Escolhi um bar onde não reconheci ninguém.

Empurrei a porta, deixei entrar comigo uma corrente de ar e levei a mão ao bolso para confirmar que o papel continuava lá.

A Gi já estava sentada.

2

A Mulher no Bar

Londres, em 2007

Fechei a porta atrás de mim e fiquei alguns segundos com a mão no puxador, à espera que os olhos se habituassem à luz. O bar era estreito, comprido, com madeira escura nas paredes e um balcão onde cinco pessoas cabiam sem precisarem de se conhecer. Não vi cartões da ProShare, *smokings* iguais ao meu e nem a mulher que subira ao palco pelo corredor que eu tinha escolhido. Servia.

Tirei o casaco, desapertei o primeiro botão da camisa e sentei-me a dois lugares da única mulher que estava sozinha. Pedi um negroni. Pareceu-me a bebida adequada a uma humilhação inglesa, embora não soubesse o suficiente sobre Inglaterra para justificar a escolha.

A mulher tinha um copo quase cheio diante dela e o telemóvel virado para baixo junto à mão esquerda. Não lia, não bebia, não procurava ninguém à entrada. O corpo estava demasiado imóvel para uma mulher descansada. Só o polegar passava devagar pela borda do copo, sempre no mesmo ponto.

O empregado serviu-me. Bebi antes de ele se afastar e pousei o copo. O papel dobrado saíra do bolso quando tirei o casaco e ficara entre a minha mão e o balcão.

A mulher olhou para o *smoking*.

— Onde foi a festa?

— Não era uma festa.

— Cerimónia?

— De prémios.

Olhou então para o papel.

— E isso?

— O discurso para um prémio que não ganhei.

Ela olhou novamente para o *smoking* e depois novamente para o papel.

— E levou o discurso na mesma.

Tinha uma voz baixa, treinada para não disputar espaço com o ruído. O empregado perguntou se queria outra bebida. Ela abanou a cabeça. Eu disse que sim, apesar de o primeiro copo continuar a meio.

— E não ganhou.

- Essa parte já está estabelecida.
- Ficou em segundo?
- Não faço ideia.
- Então talvez tenha ficado em último.

Virei-me para ela.

- Está a tentar ajudar?

Não sorrii. Tive a impressão de que me fazia perguntas para me ocupar alguns minutos e que esses minutos lhe eram úteis por uma razão que não me dizia respeito. Em vez de ficar calado, alisei o papel no balcão.

- O nosso era melhor. Tinha a ver com um *website*.
- Claro.
- Não estou a dizer que devíamos ter ganho só porque eu achava isso.
- Não?
- Havia razões.
- Muitas?
- Quatro minutos de razões.

Olhou para o discurso.

- Escreveu quatro minutos para agradecer?
- Menos, se fosse dito depressa.
- E foi?

Bebi. A mulher esperou. Não parecia ter pressa de preencher a pausa, o que me levou a preenchê-la por ela.

- Levantei-me.
- Para?
- Para ir buscar o prémio. Julguei que tinham dito o nosso nome.
- Mas não tinham.
- O início pareceu certo.
- E depois?
- Depois não era o nosso nome.

A boca dela tentou conter o riso e falhou. Baixou a cabeça, levou os dedos aos olhos e riu-se quando lhe contei o passo em direcção ao palco.

- Não é assim tão engraçado.
- É muito engraçado.
- A sala estava mal iluminada.
- Isso altera o nome?
- A luz veio para a nossa mesa.
- Então a culpa foi da luz.
- Eu não disse isso.
- Pareceu.

Contei-lhe que me baixara para apanhar uma coisa que não tinha caído. Aí encostou o cotovelo ao balcão e riu-se sem delicadeza. Duas pessoas olharam. Não me importei. Dita por mim e recebida por ela, a história deixava de ser o instante em que um homem competente expusera a vaidade diante de uma sala e passava a ser uma pequena comédia sobre um discurso impaciente. O facto não mudava. Eu conseguia respirar melhor.

— O que procurou no chão? — perguntou.

— Dignidade.

— Encontrou?

— Não estava debaixo da mesa.

Ela voltou a rir-se, agora sem crueldade. Levou o copo à boca e bebeu pela primeira vez desde que eu entrara.

Foi então que lhe vi os olhos, verde-claros sob a luz amarela. Vestia um casaco simples sobre uma blusa escura. Ocupava pouco espaço sem parecer diminuída por ele e não verificava se alguém reparava.

— Sou o Octávio — disse eu.

Ela hesitou o suficiente para eu perceber que o nome não era uma pergunta inocente naquela noite.

— Gi.

— Só Gi?

— Por enquanto.

Estendi a mão. Ela olhou para a minha antes de a apertar. Tinha a pele fria.

— Vieste da cerimónia, Octávio?

— Vim fugir dela.

— Com o discurso?

A Gi passou outra vez o polegar pela borda do copo.

— És engraçado Octávio.

A mudança para o tu aconteceu sem acordo, embora mudança talvez não seja a palavra certa, porque falávamos inglês e em inglês não há essa distância para atravessar. Pode ter sido a memória que, ao passar a conversa para português, decidiu que ela já se rira de mim com intimidade suficiente para tornar o tratamento formal absurdo. A Gi não corrigiu, talvez porque não havia nada para corrigir.

— E tu? — perguntei. — De que estás a fugir?

O empregado trouxe o segundo negroni. Eu não o tinha pedido a sentir que me apetecia, mas paguei-o com a gratidão de quem recebe uma razão para continuar sentado.

— Ainda estou a decidir.

— Sobre?

— Se estou a fugir.
— Não pareces ter vindo beber.
Olhou para o copo.
— Bebi um pouco.
— Quase nada.
— Estás a observar-me?
— Estás sentada ao meu lado.
— Foste tu que te sentaste ao meu lado.
Tinha razão. Havia outros lugares livres.
— Sentei-me perto do balcão.
— Claro.
— É onde se pedem bebidas.
— Também claro.

Sorriu. O rosto mudava quando o fazia, ficava menos protegido. Logo depois recompôs a boca e olhou para a porta.

— Trabalhas aqui perto? — perguntei.
— Às vezes.
— Isso é uma profissão?
— Trabalho em televisão. Comunicação.
— Jornalista?
— Quase isso.

Ouvi jornalismo porque era a gaveta que tinha disponível. Não me ocorreu que alguém pudesse preparar respostas, escolher o momento e ensinar outra pessoa a parecer menos preparada do que estava.

— Apresentadora?
— Também já apareci.
— E gostas?
— De aparecer?
— Do trabalho.
— Depende.
— Mas é sobre o quê?
— Empresas. Pessoas. Às vezes políticos. Fazer com que pareçam espontâneos.
— E consegues?
— O quê?
— Fazer o teu trabalho, especialmente com políticos? Deve ser complicado.

A Gi avaliou o meu segundo copo, a camisa aberta no pescoço e o discurso amarrotado.

— Consigo fazer melhor do que isto.

— Isto é inteiramente espontâneo.

— Nota-se.

Dobrei o papel pelas marcas antigas. Uma delas continuava fora do sítio e o canto não encaixava. Tentei corrigir a dobra com a unha.

— Não faças isso — disse a Gi.

— O quê?

— Tentar pôr o papel como estava.

Parei.

— Está mal dobrado.

— Agora está dobrado de outra maneira.

— Isso é uma definição de mal dobrado.

Ela não discutiu. Tocou no copo, mas não bebeu. A dor regressou-lhe ao rosto sem anúncio. Exigia tarefas pequenas: passar o dedo pelo vidro, olhar para a porta, fazer um estranho contar uma humilhação. Perguntei:

— Estás à espera de alguém?

— Já não.

— Não veio?

— Foi a outro sítio.

— Sabias que vinha?

— Disse que vinha.

A resposta fechava a pergunta e abria outra. Esperei. Foi a Gi quem continuou.

— Disse que tinha uma reunião. Depois disse que estava cansado. Afinal está com outra mulher.

Não havia choro na voz, nem raiva suficiente para a proteger. Apenas cansaço.

— O teu namorado?

— Marido, apesar de oficialmente não estarmos casados.

— Há diferença?

— Hoje há.

O empregado começou a limpar o balcão longe de nós. A Gi afastou o telemóvel alguns centímetros, sem olhar para o ecrã.

— Como soubeste? — perguntei.

Ela levantou os olhos.

— Soube.

— Ele disse-te?

— Não.

— Alguém viu?

— Não importa.

Não convidei uma terceira tentativa. Havia informação que ela possuía e uma fonte que não entregaria a um homem conhecido havia menos de meia hora.

— Talvez haja outra explicação — disse eu.

A Gi olhou para mim sem irritação.

— Há sempre outra explicação quando o homem está sentado noutro bar ou deitado na cama de um hotel com outra mulher.

— Não o estou a defender.

— Estás a tentar tornar a noite menos desagradável.

— É um hábito.

— Não é um trabalho?

— O meu trabalho faz o contrário. Mostra onde se pode perder.

— E hoje?

— Hoje perdi.

— Um prémio.

— Não era só o prémio.

— Eu sei.

— Sabes?

— Tinhas um discurso.

Pousei as mãos no balcão. Ela tinha percebido que eu não sofria apenas pela placa ou pelo nome anunciado no palco. Sofria porque me levantara antes de ter o direito de ser visto.

— Já tinha acontecido? — perguntou.

— O quê?

— Perderes um prémio.

— No ano anterior fui nomeado e nem me conseguiram contactar.

— Portanto escreveste o discurso este ano.

— Escrevi porque era prudente.

— Claro.

— Preparar não é vaidade.

— Não disse que era.

— Pensaste.

— Só pensei que deves ser cansativo antes de uma cerimónia.

— Fui com um amigo.

— E onde está ele?

— Foi embora.

— Deixou-te sozinho?

— Eu pedi-lhe.

— Porquê?

— Porque amanhã quero conseguir rir-me.

A Gi aproximou o copo do meu e tocou-lhe com o vidro.

— Já começaste.

Bebemos. O negroni parecia melhor, o que dizia mais sobre o segundo copo do que sobre a bebida.

— E contigo? É a primeira vez?

A Gi não fingiu não compreender.

— Não.

— Quantas?

— Muitas.

— E ficaste.

— Estou aqui.

— Não foi isso que quis dizer.

— Eu sei.

Pegou no telemóvel, carregou num botão e leu qualquer coisa. A luz do ecrã tornou-lhe o rosto mais pálido. Não escreveu. Desligou-o e voltou a pousá-lo virado para baixo.

— Não preciso que me digas o que faria uma mulher inteligente — disse.

— Não ia dizer isso.

— Ainda bem. É uma forma estúpida de chamar estúpida a uma mulher que ficou.

— Podia haver razões.

— Há.

— Queres falar delas?

— Não.

— Está bem.

A Gi acabou a bebida. O empregado apareceu logo e ela recusou outra.

— Tu és casado — disse.

Não perguntou. O aro na minha mão esquerda era suficientemente claro. Olhei para ele como se a informação me tivesse sido apresentada por outra pessoa.

— Sou.

— Há muito?

— Meia dúzia de anos.

A duração saiu-me com orgulho antes de ganhar peso. Meia dúzia de anos eram manhãs, contas, livros misturados, compromissos lembrados por um de nós pelo outro, sopa ao jantar, o cabelo da Inês preso de qualquer maneira e a camisa que ela vira no armário. Não havia quarto separado na memória e nem uma longa secura que me servisse de autorização.

Eu amava a Inês. Naquela noite ainda não tinha feito nada que impedisse a frase de ser verdadeira e comecei a usá-la contra ela.

— Filhos? — perguntou a Gi.

— Não.

— Ela veio contigo?

— Não.

— Sabe onde estás?

— Sim, em Londres. Disse-lhe.

— Não foi isso que perguntei.

Peguei no copo. A Gi esperou.

— Ela sabe que houve a cerimónia.

— E agora?

— Não sabe. Talvez julgue que voltei para o hotel.

Tudo o que eu dissesse sobre a proximidade do bar, a hora ou a possibilidade de regressar seria verdadeiro, mas já me começava a parecer apenas útil.

— És feliz? — perguntou a Gi.

— Casado.

Ela soltou ar pelo nariz, quase um riso.

— Essa foi rápida.

— É uma resposta.

— É outra coisa.

— O casamento não cabe numa pergunta dessas.

— Nem precisa. Tu é que não coubeste na resposta.

Olhei para o fundo do copo. Senti-me compreendido por alguém que só conhecia aquilo que eu escolhera contar. A sensação agradou-me mais do que devia.

— E tu? És feliz?

— Esta noite?

— No resto.

— Não vou fazer-te um resumo para ficarmos quites.

— Não quero ficar quite.

— Ainda bem.

A Gi pediu água. Eu também, embora não a quisesse. Ela bebeu depressa e pousou as duas mãos no balcão.

— Não vou deixar o meu marido esta noite, se é isso que estás a pensar.

— Não estava.

— Estavas a pensar que eu devia.

— Isso é diferente.

— Não muito.

— Não te conheço.

— Exactamente.

— Não estou a tentar salvar-te.

— Óptimo. Não preciso.

— Eu também não.

A Gi olhou para o meu discurso.

— Isso já não acredito.

Ri-me. Ela também, por pouco. Uma música acabou e começou outra mais baixa. Duas pessoas levantaram-se no fundo, vestiram os casacos e saíram. O ar frio entrou pela porta antes de ela voltar a fechar.

— A tua mulher vai perguntar se ganhaste — disse a Gi.

— Sabe que não ganhei. Mandeí uma mensagem depois da cerimónia.

— O que respondeu?

— Ainda não vi.

Era verdade. Tinha sentido o telemóvel vibrar enquanto andava, mas não o tirara do bolso. Agora, sentado junto de outra mulher, a urgência tinha mudado de nome.

Tirei o telemóvel. Havia uma mensagem da Inês.

— Chegaste bem ao hotel?

Li-a uma vez. Depois outra.

A Gi não tentou ver o ecrã.

— É ela?

— Sim.

— Responde.

O polegar ficou sobre as teclas. Bastava escrever cheguei. Podia dizer que tinha ido beber qualquer coisa. A verdade estava toda à minha disposição e comecei a escolher apenas a parte que me seria mais fácil usar.

Guardei o telemóvel sem responder.

A Gi olhou para a mão com que eu o metiera no bolso.

— Porquê?

— Respondo quando chegar.

— Ao hotel?

— Sim.

— E vais?

— Eventualmente.

Ela afastou-se um pouco do balcão e cruzou os braços. Não havia triunfo no rosto dela. A possibilidade entre nós não a tornara menos magoada nem transformara a mentira do marido, ou companheiro como se queira dizer, numa oportunidade. Era uma mulher ferida a medir outra escolha e eu continuava a fornecer verdades em porções convenientes.

- Não quero problemas — disse ela.
- Nem eu.
- Isso não quer dizer nada.
- Quer dizer que não estou a prometer-te coisa nenhuma.
- Não te pedi.
- Eu sei.
- Então não prometas não prometer.

Pousei dinheiro no balcão e pedi a conta. A Gi fez menção de abrir a mala.

- Deixa — disse eu.
- Pago a minha.
- Não é preciso.
- Não quero ficar a dever-te um copo.
- Não ficas.

Ela colocou uma nota ao lado da minha. O empregado trouxe o troco em duas bandejas e a Gi separou as moedas sem pressa.

- A que horas é o teu voo? — perguntou.
- De manhã.
- Cedo?
- O suficiente para me arrepender de estar acordado.
- E vais telefonar à tua mulher?
- Amanhã.
- Disseste-lhe que ligavas quando chegasses.

Não lhe tinha contado essa promessa. Talvez a tivesse deduzido por ser banal, talvez apenas fizesse a pergunta que qualquer mulher casada faria a um homem em viagem.

- Mando mensagem.
- Quando chegares.
- Sim.

A Gi vestiu o casaco e prendeu o cabelo que se soltara. Eu continuei sentado. A mensagem da Inês permanecia por responder no meu bolso. O discurso continuava sobre o balcão.

- Leva isso — disse a Gi.

Peguei no papel e enfié-o no bolso interior do *smoking*. A dobra torta fez o volume ficar mais espesso.

- Vais voltar para casa? — perguntei.
- Não agora.
- Queres ir a outro bar?

Ela olhou para mim. Durante alguns segundos deixou-me acreditar que eu conduzia a conversa.

— Não.

— Está bem.

Levantei-me para lhe dar passagem. A Gi não passou. Ficou diante de mim, perto o bastante para eu sentir o vinho e o perfume no casaco.

— Queres sair daqui? — perguntou.

— Quero.

— Comigo?

— Sim.

— Tens a certeza?

Olhei para a porta, para o balcão, para a mão esquerda onde a aliança continuava e para a Gi. Desta vez ouvi a pergunta toda.

— Tenho.

Ela pegou no telemóvel. O ecrã não chegou a acender. Guardou-o na mala e apertou o cinto do casaco.

Sáímos. A Gi passou primeiro e eu segui-a para a rua. A mensagem da Inês continuava por responder.

3

Sexo de Vingança

Londres, num hotel, em 2007

A Gi levantou a mão e o primeiro táxi passou por nós sem abrandar, talvez já ocupado, talvez conduzido por um homem que aprendera a não parar diante de casais que ainda não sabiam se eram um casal, embora naquele passeio não houvesse casal nenhum, havia uma mulher traída por um homem que não estava ali e um homem prestes a trair uma mulher que também não estava, duas ausências portanto, quatro pessoas se quisermos fazer as contas correctamente, mas correctamente, naquela altura, era ainda uma coisa que eu reservava para os factos e não para a maneira como os ligava.

Ficámos junto ao passeio, demasiado perto para fingirmos que procurávamos outro bar e suficientemente afastados para que nenhum de nós tivesse de admitir que já decidira. Duas mulheres saíram atrás de nós, abriram as malas à procura de cigarros e uma delas perguntou à outra se tinha lume, pergunta banal, concreta, sem consequências para ninguém além de um cigarro ainda apagado e durante alguns segundos invejei-lhes a simplicidade, não por querer fumar, nunca quis, mas porque as decisões pequenas parecem possuir uma inocência que só existe enquanto não sabemos que também elas podem conduzir a uma noite, a uma cama, a uma mensagem escrita de maneira a parecer outra coisa.

O frio entrou-me pela camisa aberta no pescoço. Apertei o casaco e senti o discurso contra o peito, dobrado pelas marcas que eu tentara corrigir no bar, quatro páginas preparadas para agradecer um prémio que não ganhara e ocorreu-me que devia deitá-las fora, não porque tivessem deixado de servir, já não serviam antes de eu sair da cerimónia, mas porque conservá-las parecia uma forma de aceitar que aquela noite continuava a ser sobre o homem que se levantara demasiado cedo. Não as deitei fora. Há derrotas que guardamos com o mesmo cuidado que daríamos a uma prova de vitória, talvez porque, enquanto existe o papel, ainda podemos acreditar que a cerimónia falhou e não nós.

O táxi seguinte parou. A Gi abriu a porta, esperou que eu entrasse e sentou-se ao meu lado. Quando o motorista perguntou para onde íamos, disse o nome do hotel onde eu estava instalado. A Gi reconheceu-o.

— É o tal hotel da cerimónia?

— É.

— Queres mesmo voltar lá?

— Tenho lá a mala.

Ela olhou pela janela. A resposta era verdadeira, a mala estava lá, a minha roupa também, o passaporte, os bilhetes, o programa da cerimónia e a cama onde eu deveria dormir sozinho, tudo verdade, o que faltava era apenas aquilo que a pergunta perguntava, mas as perguntas difíceis têm este defeito, permitem-nos responder-lhes com factos e os factos, quando são escolhidos com cuidado, conseguem ser uma maneira muito eficaz de não dizer a verdade.

O motorista arrancou. A Gi desapertou o cinto do casaco, tornou a apertá-lo e deixou as mãos sobre os joelhos. Eu tinha bebido dois negronis, ela mal acabara um copo e ambos sabíamos a morada que eu dera. Não havia álcool suficiente para nos emprestar uma desculpa decente.

Talvez seja por isso que as pessoas bebem antes de fazer certas coisas, não para perderem a consciência, porque a consciência raramente se perde com a facilidade que depois lhe atribuímos, fica quase sempre connosco, sentada num canto, calada e atenta, mas para lhe arranjam companhia, um copo, uma hora tardia, uma cidade estrangeira, qualquer coisa a quem entregar mais tarde parte da culpa, o vinho levou-me, a noite confundiu-me, Londres não era a minha vida, explicações que funcionam apenas porque um copo não pode levantar-se e dizer que estava ali e viu tudo.

— Não quero promessas — disse ela.

— Não ia fazer nenhuma.

— Ainda bem. Nem perguntas sobre amanhã.

— Percebi.

O táxi parou num sinal. A Gi pousou a mão na minha coxa, não como recompensa por eu ter percebido, nem como anúncio do que iria acontecer, talvez apenas para impedir que eu começasse a explicar melhor aquilo que já estava suficientemente claro. Quando o carro voltou a andar, deixou-a ficar.

Passámos por montras apagadas, entradas de escritórios, empregados que empilhavam cadeiras e homens que recolhiam sacos do lixo para carrinhas paradas em segunda fila, uma cidade a terminar o dia enquanto nós tratávamos de prolongar o nosso por razões diferentes, ela porque não queria regressar à casa onde o companheiro ou marido, como seja mais conveniente, continuaria ausente mesmo depois de voltar, eu porque ainda não queria ficar sozinho com a imagem da sala, a luz e o passo dado na direcção de um palco que não me pertencia.

Tentei não olhar para a mão da Gi. Olhei três vezes. Em cada uma dessas vezes fingi observar a rua e em todas me pareceu importante que ela soubesse o efeito que produzia, embora não quisesse que reparasse que eu precisava disso, contradição comum nos homens que desejam parecer escolhidos sem parecerem dependentes da escolha.

A humilhação diminuía no bar enquanto a fazia rir. No táxi começava a transformar-se noutra coisa ou eu começava a transformá-la, diferença que naquela noite não saberia reconhecer, porque uma derrota pública pode ser suportada se conseguirmos substituí-la depressa por uma vitória privada e eu, que não ganhara um prémio, começava já a contar-me a história do homem escolhido por uma mulher extraordinária. A Gi ainda não fizera nada para confirmar essa interpretação, além de entrar no táxi, dizer o nome do hotel e pousar-me a mão na coxa, mas a vaidade não precisa de provas completas, basta-lhe matéria suficiente para começar.

— Estás muito calado — disse a Gi.

— Disseste que não querias perguntas.

— Sobre amanhã.

— Estou a respeitar a regra com margem de segurança.

Ela retirou a mão da minha perna.

— Não precisas de actuar comigo.

— Não estou a actuar.

— Espero bem.

Perguntei se queria regressar a casa. A pergunta saiu com a aparência de cuidado, embora contivesse também a esperança de ela dizer que não e é possível que o cuidado fosse verdadeiro, não há razão para duvidar de todas as boas intenções apenas porque convivem com outras menos nobres, mas talvez seja esse o problema, habituamo-nos a julgar que uma intenção boa anula as restantes, quando muitas vezes apenas lhes oferece uma apresentação mais aceitável.

A Gi abanou a cabeça.

— Então queres ir para o hotel.

— Foi o que decidi.

— E ele?

— O que tem?

— Nada.

— Exactamente.

Encostou a cabeça ao banco e fechou os olhos. O companheiro estava com outra mulher, algures naquela cidade, talvez num hotel, talvez numa casa, talvez a explicar também a si próprio que aquilo não significava nada, porque quase toda a traição começa por exigir que o traidor lhe